

VANDERLEI RICKEN

# Uma pedrinha branca

uma história para o tempo do fim

São Paulo

2017



© Todos os direitos reservados para Vanderlei Ricken

Revisão: Michelson Borges e Aparecida H. T. Macedo

Diagramação e Arte Final: Gilberto Silva Gomes

Capa: Vanderlei Ricken e Gilberto Silva Gomes

**Fotografias: Larissa e Lucas Ricken**

Pedidos e contatos com o autor: rickennet@gmail.com

Impressão: Editora Evangraf - Porto Alegre

Dados Internacionais de catalogação na publicação  
(CIP) Vanderlei Ricken CRB - 10/1823

Ricken, Vanderlei, 1969-

Uma pedrinha branca: uma história para o tempo do fim / Vanderlei Ricken. -- São Paulo: PerSe, 2017.

ISBN 987-85-464-0549-7

1. Adventista do sétimo dia --- Ficção 2. Adventistas – Doutrinas 3. Escatologia 4. Fim do mundo I. Título

CDD-B869

COPIAR É CRIME.

Lei do Direito Autoral nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998



In Memoriam de meu pai, Marino Ricken, cuja morte  
motivou a criação deste livro.

Agradeço a minha esposa, Vanderlân-de, pelos sacrifí-  
cios necessários para publicar este livro e o dedico aos meus  
filhos, Daniel e Misael.



## Apresentação

Tornei-me adventista do sétimo dia no começo dos anos 1990, aos 18 anos de idade. Vivíamos ainda sob o manto tenebroso da Guerra Fria e o fatídico ano 2000 não estava tão longe. Pairava no ar uma sensação constante de fim do mundo. Aprendi com meu pai na fé a aproveitar toda oportunidade de pregar o evangelho e advertir as pessoas da iminente volta de Jesus. Ministrei inúmeros estudos bíblicos e, posteriormente, preguei muitos sermões e apresentei várias palestras de cunho escatológico, pois sempre acreditei que Jesus vai voltar e que o retorno dEle não vai demorar muito. Mas os anos se passaram e neste momento, enquanto escrevo este texto, 2017 está quase no fim. Faz praticamente 20 anos que deixamos 2000 para trás! “Mil passará, dois mil não passará”, lembra? Pois é... Passou.

Se continuo crendo que Jesus voltará? Mas é claro! E o motivo é simples: Ele prometeu isso de forma muito clara e inequívoca (leia, por exemplo, João 14:1-3). Anjos reafirmaram essa promessa (Atos 1:10, 11) e os discípulos viveram e morreram por essa esperança. Na verdade, há na Bíblia mais de duas mil referências à segunda vinda de Cristo. De fato, se Jesus não voltasse, Deus seria muito sádico. Quantos homens e mulheres fieis morreram crendo nisso? Muitos desses até deram a vida pelo que acreditavam e “dormem” no pó da terra aguardando o dia da ressurreição.

Eu creio que Deus existe; creio que a Bíblia Sagrada é inspirada por Ele; e a Bíblia fala da segunda vinda. Por isso, não posso duvidar de que esse evento vai ocorrer no momento certo, quer as pessoas queiram quer não.

Será em breve? Também não tenho dúvidas quanto a isso

(até porque essas quase duas décadas pós-ano 2000 passaram voando). Os sinais que alimentavam nossa fé e nossa esperança no passado foram elevados à décima potência ou mais – terremotos, fome, doenças, violência, intolerância, dissolução da família bíblica, falsos cristos, alarmes falsos, disseminação do espiritualismo, incredulidade, injustiça, terreno sendo preparado para o decreto dominical, e por aí vai. As placas sinalizadoras estão espalhadas por todos os lados.

Resumindo: não temos por que duvidar de que Jesus voltará e de que isso será em breve. Mas a crença nisso o diabo também tem, até porque ele conhece as profecias como poucos. Conhecer os sinais da volta de Jesus não é garantia de salvação. Por isso, tenho dito que a advertência do Mestre para que vigiemos não se refere apenas aos noticiários e aos eventos no mundo físico e social. Tem que ver também com a nossa condição espiritual. Trata-se, portanto, de uma dupla vigilância – externa e interna. E este livro pode ajudar você nesse propósito.

Uma Pedrinha Branca tem como pano de fundo justamente os últimos dias que antecedem a segunda vinda de Cristo. Lendo este livro, você conhecerá os sinais do fim e terá contato com os principais conselhos inspirados dados ao povo de Deus justamente para ajudá-lo a se preparar para o que vem aí. Eu diria que se trata de um verdadeiro manual para o tempo do fim em forma de romance. Sim, porque, para dar um pouco de leveza a um tema geralmente apresentado em tons pesados, Vanderlei criou personagens e os colocou em situações que ilustram de perto o que os seres humanos enfrentarão nos momentos finais da história deste mundo.

Fundamentado em uma visão coerente da Bíblia e dos livros de Ellen White, o autor procura também desfazer mal-en-

tendidos com respeito a temas como fuga das cidades, perfeccionismo, falso reavivamento e outros.

Alguns momentos da narrativa chegam a assustar, é verdade – afinal, ninguém disse que será fácil enfrentar a oposição dos ímpios e a luta espiritual no fim da história –, mas fica a certeza de que Deus guardará Seus filhos fieis e os ajudará a chegar ao porto seguro em meio às águas turbulentas da perseguição, da fome, do desespero e até da morte. Assim, conhecer esses fatos antes de eles acontecerem dará grande vantagem ao povo de Deus.

Tornei-me adventista do sétimo dia no começo dos anos 1990, aos 18 anos de idade. Isso graças a duas pessoas muito especiais: meu querido Deus e meu amigo Vanderlei, o autor deste livro, meu pai na fé. Foi a decisão mais importante da minha vida, da qual nunca me arrependi.

E você? Já tomou a sua decisão? Se não, está na hora de tomar. Se sim, não vale a pena desistir nem dá tempo de voltar atrás. De qualquer forma, este livro vai ajudar você.

Comece já a leitura!

Michelson Borges

Pastor adventista do sétimo dia e editor da Casa Publicadora Brasileira

***“Nada temos que recear quanto ao futuro, a menos que esqueçamos a maneira em que o Senhor nos tem guiado, e os ensinamentos que nos ministrou no passado”.***

Ellen G. White





Meu nome é Primevo. Se estivéssemos na Terra, este seria o ano 4225 d.C. Mas aqui não precisamos contar o tempo. Este não é um fator de preocupação. Contamos apenas a título de adoração. Adoramos o Criador dos Céus e da Terra, que nos oferece este universo ilimitado, sem nenhuma restrição de espaço e tempo.

Hoje, estou no planeta conhecido como Mirus, semelhante à turmalina e ao topázio azul, com seres de uma beleza característica deste local. Como é fantástico conhecer mais um planeta perfeito, com seus habitantes livres do pecado e com elevado grau de desenvolvimento e felicidade! Vou ampliar minha coleção de pedras preciosas com exemplares magníficos deste lugar.

A cada momento, minha gratidão e adoração ao Rei dos reis aumentam. Quanto mais relembro o passado, mais percebo a grandiosidade de tudo o que temos à nossa disposição, hoje, nas Mansões Eternas. A salvação gratuita de Deus é de um preço elevado demais para a nossa compreensão, até mesmo aqui! Jesus ter abandonado Seu posto celestial, diante de todas as possibilidades criativas, é de um desprendimento tal que só agora e aqui posso dimensionar, ainda que levemente. Não há como mensurar o tamanho desse amor por nós. Ao meditar sobre estas coisas, sinto-me tão tocado no profundo

do meu ser que, de mim, flui um amor profundo por meu Salvador.

Lembro-me de quando estava na Terra e o Céu me parecia uma utopia. Ir para o Céu era quase um destino trágico. Ficar na monotonia, sentado em uma nuvem tocando uma harpa pela eternidade sem fim... O inimigo de Deus sempre tentava desprestigiar as maravilhas eternas. Como uma visão limitada nos faz mal! Como uma visão equivocada neutraliza todo o nosso ser, nossas decisões e ações!

Durante todos estes anos aqui, tenho aproveitado tudo o que Deus nos oferece, e sei que ainda estou só no começo da eternidade.

Na Terra, nos tempos do grande conflito, se pudéssemos viver num lugar com algumas poucas vantagens, já nos sentiríamos muito felizes. Lembro-me de colegas que viviam em um país mais privilegiado, e de como eram aparentemente mais felizes do que os demais. Se viver em um local com um pouco mais de justiça social já nos deixa felizes, viver em um local com total e plena justiça social é realmente um paraíso. Viver sem se preocupar com doenças, sofrimentos nem morte nos dá uma paz que excede aos parâmetros de comparação com a Terra.

Aqui vivemos sem terrorismo nem violência de espécie alguma. O amor ao próximo e aos animais é o que norteia nossa convivência pacífica e amorosa. Aqui não temos terremotos, inundações, temporais, vendavais, tornados nem nada dessas coisas destrutivas que tínhamos na Terra. O clima aqui é sem-

pre maravilhoso.

Todos os seres são de uma beleza espetacular, força física, sabedoria, disposição e felicidade completa, tudo realmente sem comparação. As famílias são unidas em amor completo e indestrutível, sem chances para separações por morte ou desavenças. Tudo perfeito.

Nossas casas são de uma beleza grandiosa; nossos campos, lagos, rios são lindos demais! Quando estava na Terra, não me cansava de admirar as belezas naturais de lá. As daqui são infinitamente superiores.

É fantástico poder conviver em paz e segurança com animais de grande porte e que eram uma ameaça na Terra! Eu mesmo gosto demais de brincar com leões, tigres e ursos. Essa convivência feliz e positiva com os animais é realmente um paraíso. Até mesmo serpentes nos deixam felizes com a presença delas. Aliás, elas são lindas demais aqui! Elas voam e quando o sol bate em suas asas, produz um arco-íris fabuloso. Isso sim é um show de criatividade divina!

Ter amigos verdadeiros e poder viver na companhia deles para sempre é algo maravilhoso. Na Terra, quando conhecia alguém bacana, já sabia que teria que me despedir logo, por alguma razão. Aqui esse sentimento não existe. Sempre estaremos juntos e cada vez mais desenvolveremos um amor mútuo.

Viajar por lugares fantásticos sempre foi um privilégio para poucos no mundo. Aqui todos nós temos lugares e mais lugares muito especiais em cada um dos planetas sem fim. Se tivéssemos apenas um planeta para viver e visitar, como a Terra, já

seria muito bom e especial. Mas temos incontáveis planetas e lugares especiais para visitar e conhecer!

Na Terra, fazer até mesmo as coisas boas nos deixava cansados; aqui nada nos cansa, tudo é prazeroso. Trabalhar, estudar e aprender, nem de longe se parecem com o que tínhamos na Terra em nosso planeta terreno. Poderíamos até ter dado outro nome a essas coisas, pois em nada elas podem retratar as dificuldades que tínhamos ali. Aqui, fazemos tudo com prazer e disposição renovada a cada instante. Todos os projetos são perfeitamente planejados e executados até seus últimos detalhes, independentemente do tempo que leve.

Somente aqui os projetos podem ser concluídos de modo tão detalhado e perfeito. Verdadeiramente perfeito. Afinal, aqui temos tempo para tudo que gostamos de fazer, e gostamos de tudo o que Deus nos oferece neste lugar.

A companhia de amigos e familiares é sempre muito boa, mas a companhia dos anjos, nossos anjos protetores, aqui, como amigos, é muito especial!

Só que nada se compara a estarmos diante de Deus. É simplesmente indescritível! Tudo o mais perderia o sentido e a beleza se o Pai, o Filho e o Espírito Santo não estivessem conosco. Nada conseguiria substituir a maravilhosa presença da Divindade entre nós. Um filho que corre dentro de uma mansão à procura de sua mãe, quando não a encontra e descobre que ela morreu, deseja ir embora da grande e magnífica casa. Poderíamos, palidamente, comparar isto à nossa reação, caso a Divindade não estivesse no Paraíso.

Todos os seres criados por Deus, que vivem nos planetas que não caíram em pecado, anseiam por ouvir os testemunhos dos resgatados da Terra. Aqui nós somos um sacerdócio real, uma nação santa; temos o privilégio de contar um pouco das experiências pelas quais passamos na Terra e de como o Senhor Jesus nos resgatou do grande conflito. São sempre momentos de adoração sublime ao Redentor.

Hoje, aqui em Mirus, vou contar a história de três irmãos: Rubens, Levi e José. Os três foram criados num lar cristão Adventista do Sétimo Dia, filhos de funcionários de um internato Adventista no Sul do Brasil.

Os três aproveitaram todas as oportunidades de uma Educação Adventista de qualidade. Conforme foram se formando no Ensino Médio, cada um seguiu sua vida.

Rubens foi para Campinas, em São Paulo, assim que passou numa universidade de lá. Levi ficou em Taquara, com os pais, trabalhando na venda de livros cristãos, colportando. José foi, inicialmente para Porto Alegre. trabalhar na área de vendas de calçados.

Todos mantinham contato entre si e se reuniam com frequência. Era uma família muito unida, e todos frequentavam a Igreja Adventista. Bons rapazes, fiéis a Deus e úteis à sociedade.

Mas todo esse clima familiar agradável foi abalado numa sexta-feira.



## 2

Mesmo morando em frente ao internato, os pais iam trabalhar de carro. Eram apenas 500 metros de percurso. Certo dia, quando eles estavam fazendo o retorno na rodovia em frente ao colégio, já quase na entrada, um caminhão desgovernado não conseguiu parar no sinal fechado, atingiu os carros que já estavam parados e avançou sobre o carro dos pais de Rubens, Levi e José, provocando uma terrível fatalidade. O carro foi arrastado debaixo do caminhão por trinta metros. Eram sete horas da manhã, os funcionários estavam se dirigindo ao culto e os alunos estavam chegando à instituição. Todo o colégio entrou em luto e se mobilizou para homenagear o casal de funcionários. Diversos pastores se prontificaram a estar presentes no velório e no sepultamento. A direção do colégio interno entrou em contato com os familiares e especialmente com os filhos, todos conhecidos pela comunidade escolar.

Poucas horas depois, todos já estavam presentes e a cerimônia fúnebre foi realizada no início da tarde. Começou a chover muito. Muitas mensagens musicais do Coral dos Adolescentes marcaram o momento e todos os que assistiam e os que cantavam foram profundamente tocados com as mensagens. Os filhos haviam cantado nesse maravilhoso Coral por vários anos. Testemunhos solenes foram dados e muita tristeza foi sentida pela perda do casal de funcionários. Foi muito tocante

toda a cerimônia. Mesmo sendo um serviço fúnebre, foi sereno e muito abençoado.

O sepultamento foi realizado no Cemitério Adventista da Fazenda Passos, na cidade de Rolante. A Fazenda Passos é um local histórico para os Adventistas do Sul do Brasil. Nessa comunidade, nasceram muitos pioneiros, pastores e administradores na obra Adventista por todo o Brasil.

Foram sepultados conforme o costume: voltados para o oriente, à direção da qual Jesus voltará, uma forma de testemunhar da volta de Jesus mesmo em morte. Na lápide do casal foi escrito: “Aguardando a volta de Jesus.”

Após a cerimônia, os três filhos foram abraçados longamente por familiares e pelos amigos que participaram do sepultamento. Parecia que o tempo havia parado. Não pareciam estar neste mundo, mas num sonho, num pesadelo terrível. Aguardavam ser acordados e voltar para a vida feliz, mas a realidade era mais dura do que eles gostariam que fosse. Alguns velhos amigos até que tentaram animar os rapazes, lembrando algum episódio passado no internato, mas o golpe havia sido muito forte, repentino e profundo – os três rapazes estavam desconsolados com a perda terrível dos pais. Pai e mãe, num único dia e num único momento. Somente Deus poderia consolá-los naquela hora.

Os três foram para a casa que havia sido dos pais. Já fazia algum tempo que eles não ficavam juntos ao pôr do sol de sexta-feira. Esse momento especial para os Adventistas receberem o santo Sábado foi passado com muita tristeza. Eles não con-

versaram, não cantaram nem oraram, apenas se abraçaram no sofá da sala e choraram. Estar na casa dos pais nessas circunstâncias era simplesmente terrível. As fotos nos porta-retratos nas estantes, lembravam a família reunida em plena felicidade. Agora, tudo levava à tristeza.

Os três dormiram nos sofás da sala. Ao amanhecer, cedo, Rubens, o mais velho, se levantou, arrumou suas coisas e disse que iria partir. Disse também que não aguentava mais ficar ali. Levi, o do meio, e José, o caçula, imploraram para que ele ficasse com eles mais algum tempo. Mas o rapaz já havia tomado uma decisão radical e iria embora. E assim aconteceu. Ele se foi.

Levi se arrumou para ir à igreja, pois era sábado. José preferiu ficar na casa, sozinho. A casa era em frente ao colégio, numa rua paralela à rodovia estadual que passa em frente à instituição. Da janela da frente da casa, dá para ver a bela igreja do internato, o residencial masculino à direita e o residencial feminino à esquerda. Ao fundo, no ponto de maior destaque, fica o prédio central.

José permaneceu na janela, olhando para o colégio que tanto fizera parte da vida da família. Tantos e tantos momentos felizes eles haviam passado naquele local. De quantas programações especiais ele tinha participado? Ensaios e mais ensaios com o Coral dos Adolescentes. A maestrina “Preta” sempre chamando a atenção dos desatentos para poder extrair o máximo de qualidade dos cantores. Com maestria, alcançava a perfeição. Quantos “pitos” ele havia recebido por suas bagunças na



hora errada...

José e os irmãos participavam de tudo que o internato proporcionava. São lembranças muito valiosas para serem esquecidas. Mas agora, a última lembrança, a mais forte lembrança, a mais devastadora era a da morte dos pais.

A casa ficava no alto de um monte, e logo abaixo estava o local do cruzamento em que seus pais haviam perdido a vida.

A vista do céu azul límpido ficava embaçada com as lágrimas nos olhos azuis do filho caçula. Ele tentou cantar a música da família – “Mansão sobre o monte” –, mas apenas as primeiras palavras puderam ser pronunciadas: “Aguardo o dia, de emoção sem-par, no qual terei um belíssimo lar...”



Na igreja, Levi estava a todo instante sendo amparado por alguém que também amava a família enlutada. Dos três filhos, Levi era o que ainda morava com os pais. Seria o que mais sentiria a perda, mas estava disposto a ser consolado pelos irmãos de fé da igreja e, principalmente, por amigos do Coral.

A pregação foi adequada para a ocasião. O pastor Davi, que havia crescido com os meninos, lembrou que as tribulações servem para que desejemos ardentemente a volta de Jesus. Somente ela quebrará o ciclo de sofrimento a que estamos expostos na Terra, e estaremos com Ele para todo o sempre. “Como

essas palavras são profundas e verdadeiras, elas nos fazem sonhar com um lugar maravilhoso que Jesus está preparando para cada um de nós (João 14:1-3)”, completou o pastor Davi.

Deus sempre tem um propósito de salvação para todos, e quando permite que algo ruim aconteça é para dar a oportunidade de salvação para alguém. Assim como Jó não sabia o que se passava nos bastidores (Jó 1:9-12), nós também desconhecemos todos os propósitos de Deus – mas é aí que entra a fé. A fé, a confiança em Deus só é necessária quando desconhecemos os detalhes das circunstâncias que se passam nos bastidores.

Quando surgem razões para se desconfiar de Deus é quando mais devemos confiar n’Ele. O pecado entrou no mundo por um lapso de confiança. Adão e Eva tinham recebido tudo de Deus, mas por um momento, um ser estranho conseguiu fazer com que desconfiassem do Criador. Foi o suficiente para a entrada do pecado na Terra.

Como Deus não permite nenhuma tentação ou provação acima do que possamos suportar (1Co 10:13), tudo o que Ele permitir será para o bem dos que O temem (Rm 8:28).

Habacuque 3:17 e 18 fala sobre uma confiança que devemos ter; uma alegria que devemos sentir, mesmo que tudo esteja dando errado. Confiar em Deus quando tudo está certo não tem nenhum mérito, como diz Jesus em um outro contexto – até os incrédulos fazem isto –, mas quando as coisas vão mal, quando estamos passando por dificuldades, daí sim a confiança se torna uma preciosidade. Precisaremos viver cada vez mais pela fé, e hoje é o tempo de desenvolver essa fé ina-

balável; essa fé que permanece firme quando tudo o mais está desabando.



Assim que Levi retornou para a casa que fora dos pais, após o culto, encontrou José na janela, contemplativo.

– Tudo bem? – perguntou Levi.

– Tudo! O que o pastor pregou?

– Ele disse que neste grande conflito em que vivemos, nesta grande guerra, sempre estaremos sujeitos a sofrimentos injustos e terríveis. Deus, porém, só permitirá que passemos por elas se tivermos condições de suportá-las (1Co 10:13). Deus não permitirá algo ruim se não pudermos suportar. Porque Ele irá nos ajudar. Também permitirá se houver um benefício salvífico (Rm 8:28). O “negócio” de Deus é salvação. Se resultar em salvação e se pudermos suportar, Deus poderá permitir. Como Deus permitiu que nossos pais morressem daquela forma, será difícil entender, mas temos condições de suportar com a ajuda divina. E isso tudo resultará em salvação. Nossos pais estavam preparados; não tenho dúvidas sobre isto. Tínhamos feito o culto matinal. Entregamos nossa vida nas mãos de Deus. Pedimos que Ele nos usasse para a Sua glória.

Levi prosseguiu:

– Lembro-me do texto em que Pedro deveria glorificar a Deus com sua morte (Jo 21:19). Somos, muitas vezes, condi-

cionados a achar que por sermos cristãos fiéis não podemos passar por sofrimentos. Isto é errado, pois quando olhamos para os seguidores de Cristo e o fim que eles tiveram, não podemos imaginar que Deus tenha obrigação de nos dar regalias.

Quando pensamos desta forma, justificamos o argumento de Satanás ao condicionar nossa obediência aos benefícios recebidos. Satanás disse que Jó somente era fiel porque Deus o cercava de benefícios (Jó 1:10,11). E que se Deus retirasse essas bênçãos, na mesma hora ele blasfemaria. Jó realmente era fiel! Mas e nós? Estamos condicionando nossa obediência aos benefícios recebidos aqui na Terra? Se formos perseguidos, injuriados, maltratados, ainda assim seremos fiéis a Deus? Ou se Deus permitir que algo ruim aconteça comigo ou com minha família, deixarei de segui-Lo?

O que aconteceu com a nossa família é o resultado de vivermos num mundo mau, num mundo que não é justo, num mundo que Deus irá destruir.

Nossa vida aqui neste lugar não é um fim em si mesma. Estamos aqui só de passagem; somos peregrinos aqui. Mas muitas vezes desenvolvemos uma “fé” não centralizada em Deus nem nas mansões eternas. Queremos é o aqui e o agora. No fundo, não cremos que haverá algo depois, e não queremos correr o risco de não ter nada aqui. No fundo, no fundo, muitos de nós somos ateus. Uma espécie de adventistas ateus. Queremos viver bem aqui e agora, e depois, se houver um depois, ir para o Céu. Mas se o aqui e agora não for agradável, nossa “fé” vacila. Parece que não cremos na volta de Jesus. A solução para o

mundo e para a nossa vida é a volta de Jesus, por isso somos adventistas. Não cremos que um governo, qualquer que seja, poderá resolver os problemas do mundo. Será Jesus. Só Ele. Mas parece que não cremos nisso. Queremos uma vida de paz e prosperidade aqui.

Nossos pais estão dormindo. Estão guardados para a salvação. Estão garantidos. A Bíblia apresenta a morte como um sono. Não ensina que temos uma alma imortal. Ela ensina que somos uma alma mortal (Ez18:4). Sim, morremos. Os mortos não sabem de nada, estão num estágio de sono profundo até a ressurreição (Ec 9:5). Só na ressurreição haverá recompensa. Durante a morte, não. Ninguém vai para o Céu ou para o inferno enquanto estiver morto. O que tiver que acontecer será depois da ressurreição.

Mas queremos viver o aqui e o agora. E isto deve ser trabalhado em nossa vida, pois profeticamente sabemos que as coisas vão complicar-se para nós. E se depositarmos nossa “fé” nas circunstâncias, teremos problemas, pois as circunstâncias mudarão radicalmente em breve.

Mais cedo ou mais tarde, perderemos nossa saúde e, por fim, nossa vida. Nossa fé deve estar centralizada em algo mais, algo “além do rio”, algo permanente. Somos tão imediatistas e terrenos! Enquanto focamos nas bênçãos terrestres, perdemos as eternas de vista.

José, nós precisamos desenvolver uma fé inabalável. Teremos que aprender nessa amarga perda dos nossos pais a confiar em Deus sem fundamentar nossa fé nas circunstâncias.